

DISSOLUÇÃO DE CONFLITO ENTRE COMUNIDADES NO HAITI*

RAPHAEL DO COUTO PEREIRA**
Capitão-Tenente (FN)

SUMÁRIO

Introdução

Origem da Cimic: breve histórico

Cimic e a Minustah: Inserção do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais

Conflito entre Simon e Pelé

A Cimic como caminho para a paz

Consolidação do Acordo e manutenção da paz na região: um novo desafio

Conclusões

INTRODUÇÃO

Após 11 anos da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (Minustah), completados em 2015, ainda colhemos importantes aprendizados nesse ambiente operacional complexo. Recentemente,

o processo de dissolução do conflito entre duas comunidades, Simon e Pelé, localizadas na região metropolitana de Porto Príncipe, capital do Haiti, foi uma importante lição aprendida para a Força de Paz. A dissolução de conflito e a manutenção da paz entre duas localidades que nutriam

* N.R.: Título original: Dissolução do conflito entre as comunidades Simon-Pelé na cidade de Porto Príncipe, Capital do Haiti: Coordenação civil-militar como prevenção, gerenciamento e solução de conflitos nas Operações de Paz.

** Serviu no Batalhão Humaitá, no Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra, no 18º e 21º Contingentes do Haiti. Atualmente faz curso de Aperfeiçoamento de Oficiais Fuzileiros Navais. Mestrando do curso de Defesa e Segurança Civil na Universidade Federal Fluminense.

rivalidades históricas foram conseguidas pelo esforço conjunto e contínuo das atividades táticas e de coordenação civil-militar — Civil Military Coordination (Cimic) —, reafirmando a importância das atividades Cimic para a prevenção, o gerenciamento e a solução de conflitos em Operações de Paz. Este artigo tem por objetivo descrever como esse processo de paz foi desenvolvido, bem como as fases e metas adotadas para se alcançar um processo de conquista e manutenção da paz sustentável.

Origem da Cimic: breve histórico

Após a Segunda Guerra Mundial, com a bipolaridade do mundo moderno na Guerra Fria, as questões humanitárias novamente ganharam força, levando a uma releitura da realidade vivida por Henry Dunant¹, em seu livro *Lembranças de Solferino* (DUNANT, 1986). Tal biografia foi uma das primeiras referências para a criação de organizações internacionais, com ou sem ligação governamental, focadas na ajuda humanitária. Tais Organizações Não Governamentais (ONG) e Organismos Internacionais (OI) se permearam com outro componente que ascendeu no mesmo período de pós-Segunda Guerra Mundial e tem crescido de importância: a opinião pública.

Já no final de 1995, tropas lideradas pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) atuaram na antiga Iugoslávia sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU). Ao serem desdobradas no terreno, depararam-se com diversas organizações civis que agiam legitimamente e em condições, inclusive, de prestar apoio às ações das tropas. Desse modo, houve a necessidade de integrar esses atores presentes nas áreas de operações em um novo conceito: a Cimic. A Cimic pode ser

basicamente definida como a coordenação e a cooperação em apoio à missão, entre os componentes militares (militar e policial em uma missão de paz multidimensional) e civil, ligando-se também à população e às autoridades locais, às ONG e a outras agências nacionais e internacionais. Na verdade, esse conceito já tinha seu esboço rudimentar no período do Império Romano, quando, após as conquistas locais, grupos de “soldados construtores” consolidavam suas vitórias, conquistando os habitantes locais e reconstruindo fisicamente essas sociedades afetadas. (KLOKER, 2009).

No âmbito ONU, utiliza-se outra abreviatura para Cimic, que é CMCoord (*Civil-Military Coordination*). A CMCoord parte do mesmo princípio de buscar o diálogo e a interação entre os setores civil e militar, de forma a evitar competições entre atores presentes na área e buscar sinergia para a conquista de objetivos comuns. Para tanto, no mais alto nível, a responsabilidade por esta coordenação fica a cargo do Escritório para a Coordenação de Assuntos Humanitários (Ocha) e segue linha de ação prioritariamente humanitária. Cabe ressaltar que esses objetivos devem estar em consonância com o que é proposto pelo mandato, que é emanado pelo Conselho de Segurança, o qual rege a missão de paz em questão. (UN-Cimic, 2012)

A diferença básica entre a doutrina Cimic no âmbito ONU para a doutrina Cimic no âmbito Otan é que a segunda tem seus objetivos exclusivamente ligados à conquista de corações e mentes, para que não ocorra a interferência do meio civil nas operações militares. Ao longo do tempo, a Otan aplicou a sua doutrina Cimic, em grande parte, na reconstrução física de locais devastados por conflitos, tais como casas e hospitais, entre outros.

¹ Fundador do Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

Nesse ínterim, os seus objetivos podem ser voltados para a área de Inteligência, ou seja, as suas atividades visam a levantamentos de Inteligência diversos, como, por exemplo, atividades de elementos de uma força adversa, levantamentos sobre uma área específica, catalogação e coleta de informações de uma determinada região, entre outras (AJP-9, NATO: Civil Military Cooperation Doctrine). Já no que se refere à ONU, as ações Cimic são balizadas por objetivos militares, mas sem ter por meta Operações de Inteligência, e em consonância com o que é proposto pelo mandato que rege a missão de paz em questão. A prioridade não é a reconstrução física, mas uma aproximação das instituições nacionais e de atores civis diversos, proporcionando condições de segurança para que essas instituições e atores

civis possam prover a recuperação e o desenvolvimento das localidades afetadas por conflitos. As diferenças entre a doutrina Cimic ONU e Cimic Otan refletem, por suas aplicabilidades, os tipos de Missões de Paz existentes. A doutrina Cimic Otan tem maior aplicabilidade nas Missões de Imposição de Paz, e a doutrina ONU, nas Missões de Manutenção da Paz.

CIMIC E A MINUSTAH: INSERÇÃO DO GRUPAMENTO OPERATIVO DE FUZILEIROS NAVAIS

A Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti é de caráter multidimensional, por possuir três componentes: o militar, o policial e o civil.

A atividade Cimic encontra-se presente majoritariamente no componente militar, em coordenação nos níveis estratégico e político com o componente civil. Inserido no componente militar, o Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais – GptOpFuzNav (Bramar – *Brazilian Marines*) encontra-se sob o controle operacional do Batalhão Brasileiro de Força de Paz (Brabat – *Brazilian Battalion*), conforme mostra a figura 1. Na estrutura do GptOpFuzNav

existe uma Seção de Assuntos Cíveis, que tem como um dos seus encargos as atividades Cimic. Essa seção tem como homólogos as seções de Cimic do Brabat, o G-9 e a seção de Cimic do Estado-Maior da Minustah – o U-9. O U-9, por sua vez, corresponde-se com o Escritório para a Coordenação de Assuntos Humanitários, que está presente na estrutura do Componente Civil da Missão.

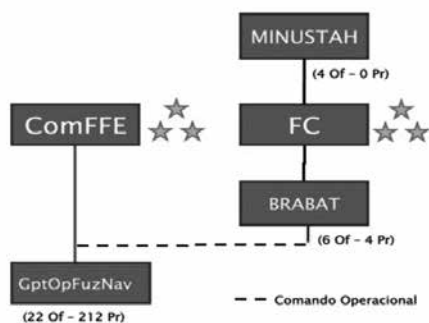


Figura 1: Subordinação Operacional da Minustah
Fonte: o autor (2015)

CONFLITO ENTRE SIMON E PELÉ

A área de responsabilidade do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais, até abril de 2015, englobava as regiões de Simon, Pelé, Cité Militaire e Sonapi, as quais dão nome às comunidades que nelas estão inseridas. A região de Sonapi, ao norte de Simon e Pelé, é um grande complexo industrial, apresentando-se como uma área passiva em termos de atividade de grupos armados, por possuir um número significativo de seguranças privados. Já Cité Militaire, localizada ao sul de Simon-Pelé, é marcada pela presença de ex-militares e membros da Polícia Nacional Haitiana

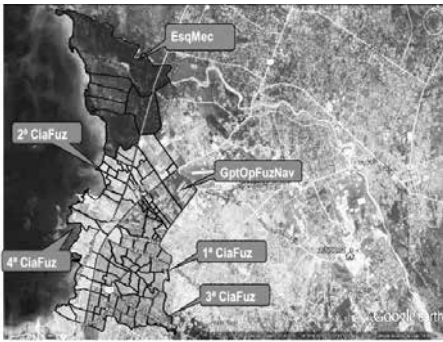


Figura 2: Áreas de Operações

Fonte: Google Earth (<https://www.google.com/earth>)

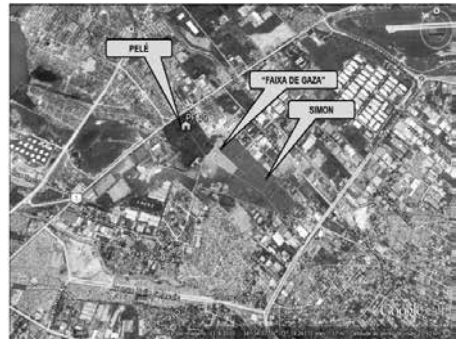


Figura 3: “Faixa de Gaza”, divisão entre as localidades de Pelé e Simon

Fonte: Google Earth (<https://www.google.com/earth>)

(PNH), o que contribui também para que não se tenha a presença de grupos armados. A leste da área de responsabilidade está a região de Delmas, e a oeste, a região de Cité Soleil, áreas de responsabilidade de uma subunidade do Brabat (Exército Brasileiro). Uma característica marcante dessas áreas, assim como de diversas outras regiões carentes do Haiti, é a presença de grupos armados, atuando como gangues, que buscam estabelecer o controle local para que assim possam praticar a extorsão de moradores e comerciantes locais e, em segundo plano, comercializar drogas.

As comunidades de Simon e Pelé possuem uma densidade demográfica considerável e uma rivalidade histórica. Nos últimos anos, as disputas acirram-se nas comunidades de Simon e Pelé. No ano de 2012, na região de Delmas, fronteira à comunidade de Simon, havia um grupo armado conhecido como Gangue 117. A gangue possuía um considerável poder de fogo, contando com fuzis e submetralhadoras, além de pistolas e revólveres, e praticava ações criminosas, tais como sequestros, extorsões e assassinatos no entorno da região, dando destaque para ações continuadas em uma das principais vias que cortam a parte metropolitana do Haiti: a Boulevard Toussaint Louverture.

Além disso, promovia ataques às indústrias próximas. A região de Simon, à época, fazia parte da área de influência da Gangue 117. Ainda em 2012, um grupo conhecido como Tolerance Zero, composto, segundo informes, por justiceiros, expulsou a Gangue 117 da região de Delmas, obrigando-a a se refugiar na comunidade de Simon e, posteriormente, incluindo a comunidade de Pelé. No final de 2013, um antigo líder das antigas gangues de Pelé foi solto da Penitenciária Nacional e reivindicou a liderança das comunidades de Pelé e Simon. Este líder solicitou ajuda às gangues de Cité Soleil para retomar o território que antes era controlado por sua gangue. Assim sendo, no início de 2014, uma ofensiva ocorreu e a Gangue 117 foi expulsa da comunidade de Pelé, recuando e dominando apenas a comunidade de Simon. Nesse momento acirram-se as rivalidades locais, e as comunidades se dividiram. Essa divisão foi marcante nas ruas que separam as duas áreas, com a formação de uma zona de exclusão, conhecida localmente e na Minustah pelo jargão “Faixa de Gaza”. Nessa região, casas e comércio foram abandonados; e moradores que tentassem atravessar de uma comunidade para a outra eram ocasionalmente executados. Não obstante, por várias ocasiões, as gangues

faziam incursões na comunidade rival para assassinar moradores de forma aleatória e demonstrar poder.

Diante desse cenário de extrema violência, o Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais, responsável pela área, vislumbrou como uma solução “tampão” a implantação de pontos de controle (conhecidos como *static points*) entre as vias que ligavam as duas comunidades, de modo a inibir as contendidas armadas entre os dois lados, revistando pessoas e veículos, e impedindo, assim, a circulação de grupos armados. Mesmo assim, no final de 2014, os conflitos mostravam-se constantes, ainda com a presença de tropas controlando os acessos de uma comunidade a outra, com a ocorrência de infiltrações esporádicas de membros das gangues, que chegavam a vestir-se como mulheres para facilitar seu acesso à comunidade rival, sem serem percebidos pelos militares próximos. O conflito e a violência evoluíram de tal forma que os fuzileiros presentes nos pontos de controle também passaram a ser alvo de hostilidades e ataques armados.

A CIMIC COMO CAMINHO PARA A PAZ

Com o transcorrer dos conflitos, foi notado que não havia um canal de comunicação/diálogo eficiente entre as comunidades e o componente militar. Não existiam atores com os quais o componente militar pudesse dialogar e, então, tentar dirimir as hostilidades contra as tropas da ONU, em primeiro plano, e entre as comunidades,

em segundo plano. O esforço principal deveria consistir em reverter o papel que foi atrelado aos militares ali presentes, de inimigos, para aqueles que intermediariam os conflitos e proporcionariam um ambiente seguro e estável para a consolidação das instituições nacionais haitianas. Para atingir tais propósitos, a extinção do conflito entre as comunidades de Simon e Pelé fazia-se necessária.

Para alcançar esses objetivos foram estabelecidas cinco fases, que não eram estanques, pois uma poderia ocorrer concomitantemente às outras. Essas fases

As comunidades possuíam rivalidade histórica. Em cada uma havia um comitê representativo, composto por cinco haitianos que representavam seus grupos nos pleitos sociais

foram: criação e consolidação do papel de uma liderança local; estabelecimento de um canal de comunicação eficaz e único com as comunidades por meio de suas lideranças; consolidação do papel das forças militares como intermediadores do conflito e não como inimigos; solução do

conflito; e manutenção da paz.

Como foi dito, as comunidades possuíam uma rivalidade histórica. Em cada uma dessas localidades havia um comitê representativo, composto por cinco haitianos que representavam seus grupos nos pleitos sociais. No dia a dia das comunidades, esse comitês determinavam o que os moradores iriam fazer, ou como iriam se portar, o que incluía as situações de conflito. Exerciam também uma voz dentro dos grupos armados que agiam nas regiões.

Por causa da presença dos grupos armados, esses líderes estavam com baixa aceitabilidade pela população. Assim sendo, teríamos de adotar medidas para reforçar o papel do líder perante a sua comunidade. Logo, o Grupamento Ope-

rativo de Fuzileiros Navais, mediado pela seção de Assuntos Cívicos, traçou objetivos e empregou algumas atividades de apoio humanitário, tais como: doações de água, alimentos e materiais escolares e atividades e projetos sociais diversos, por meio das quais o líder comunitário aparecia em papel de destaque. Além disso, foram realizados diversos encontros e reuniões com os comitês das duas comunidades separadamente, de forma que os moradores pudessem ver que esses haitianos em destaque estavam realmente preocupados em buscar ajuda e soluções para as suas comunidades. Com essas ações, concluiu-se a primeira fase para a dissolução do conflito, e os líderes comunitários tiveram suas posições restabelecidas e de destaque perante os moradores, necessitando-se, assim, iniciar a segunda fase, que seria o estabelecimento de um canal de comunicação claro, eficiente e único.

Porém, ao analisarmos o contexto em que as duas comunidades estavam inseridas, era notório que elas estabeleciam contatos com a Minustah por diversos canais, tanto no Componente Militar, como no Civil, ONG e Organizações Internacionais. Isso trazia dificuldades, pois enfraquecia a autoridade do Grupamento Operativo, já que, por vezes, os anseios das comunidades passavam para setores que, muitas vezes, não tinham forças e prerrogativas para agir, ou estavam atuando em esferas acima do Grupamento Operativo, tomando decisões que não corroboravam os objetivos traçados. Iniciaram-se, então, ações de aproximação com os setores da Minustah,

ONG e Organizações Internacionais que se comunicavam com as comunidades, para balizar os limites de competência de cada órgão. Era preciso deixar claro quais as áreas de responsabilidade do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais e gerar também sinergia de esforços para que resultados positivos fossem alcançados. A duplicação dos canais de comunicações poderia deixar as ações do Componente Militar vulneráveis, sem que houvesse respostas positivas, uma vez que se perdia confiança e dividia-se o poder de influência sobre os líderes. Junto dessas ações, iniciou-se a

realização de atividades Cívic capitaneadas pelo Grupamento Operativo, com ampla participação desses setores. Chegou-se, assim, à conclusão da segunda fase, com a criação do canal de comunicação único do oficial de Assuntos Cívicos com os líderes comunitários. Ressalta-se que, até aquele momento, trabalhava-

se de forma isolada com cada comunidade, pois as animosidades entre as duas ainda eram latentes.

As relações entre as duas localidades estavam extremamente desgastadas pelo fato de os grupos armados praticarem ações contra seus rivais de forma aleatória, vitimando quase sempre civis inocentes e levando os moradores das duas comunidades a nutrir sentimentos de rivalidade entre si, os mesmos que as gangues possuíam. A solução encontrada para minimizar os problemas de segurança, devidos a essas rivalidades, foi a ocupação de posições no terreno que isolassem as duas gangues. Nesse marco temporal, porém, as hosti-

A solução encontrada para minimizar os problemas de segurança, devidos a rivalidades entre as comunidades, foi a ocupação de posições no terreno que isolassem as duas gangues (*static points*)

lidades contra as tropas da ONU tinham aumentado. Mas o reforço da manutenção da estagnação das duas comunidades foi aos poucos dando resultados, pois as incursões diminuíram e, conseqüentemente, o número de mortes. Com o transcorrer das duas primeiras fases, a terceira já começava a ser exposta. O Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais passou a adotar o comportamento de mediador da comunicação dos dois lados, sendo visto como intermediador do conflito. As atividades Cimic — reuniões, atividades de entretenimento e ajudas humanitárias, entre outras — reforçavam a mensagem de que apoiávamos igualmente as duas comunidades, de que não éramos parte do problema entre eles, mas sim o caminho para o diálogo e solução do conflito. Esse conjunto de ações e avanços proporcionou, então, o ambiente propício para a quarta fase, que era o restabelecimento do diálogo entre as duas comunidades.

Em conjunto com ações Cimic, apoiando-se na vertente da ajuda humanitária, com uso de ONG nas áreas educacionais, conseguiu-se inculcar em grande parte da população a impressão de que os militares ali presentes eram elementos de intermediação para promover a paz nas duas comunidades. Era necessário também promover a imagem de imparcialidade para que se pudesse acessar ambos os contendores. Foram realizadas diversas reuniões entre os comitês comunitários de forma isolada, disseminando as mesmas ideias e mostrando como os avanços sociais poderiam ocorrer nas duas áreas se houvesse um ambiente de segurança. Concomitantemente, projetos sociais, apresentados pelo Componente Militar e outros setores da Minustah, começaram a ser divulgados, todos capitaneados pelo Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais, contemplando as duas comunidades. Entre os projetos, havia

cursos profissionalizantes, uma escola de futebol para crianças, reforma de áreas de entretenimento para os moradores e atividades educacionais. Com a evolução das atividades, os comitês começaram a esboçar intenções de diálogo, dando certa abertura para o Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais propor a realização da primeira reunião conjunta. Como seria o primeiro encontro dos dois lados, que por muito tempo foi refutado, o Grupamento Operativo teve que estruturar a reunião e a sua pauta para que se lograsse um objetivo sólido e duradouro, que era o restabelecimento da paz entre as duas comunidades.

A reunião ocorreu no dia 16 de março de 2015. O local foi planejado de forma metódica, desde o posicionamento das cadeiras e lugares para os líderes e o intermediador do conflito (o oficial de Assuntos Cívicos), a dis-



Figura 4: Atividades educacionais capitaneadas pelo GptOpFuzNav-Haiti



Figura 5: Curso Profissionalizante capitaneado pelo Brabat



Figura 6: Curso Profissionalizante capitaneado pelo Brabat

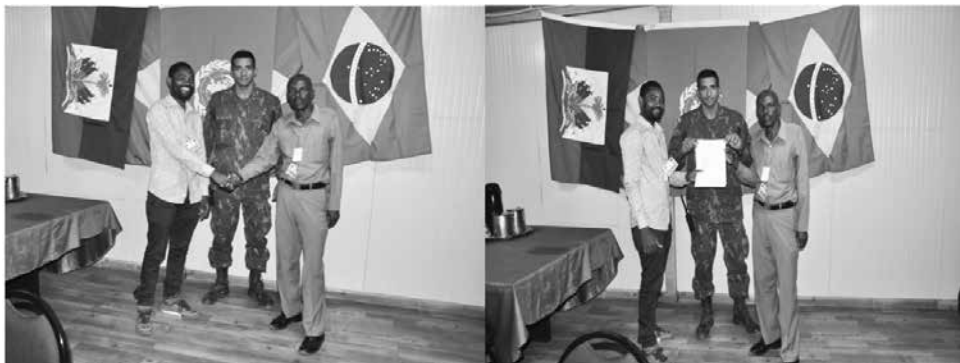
posição das bandeiras nacionais e da ONU, até o local em que seriam recebidos e onde seriam feitas as despedidas. A pauta, com os pontos a serem alcançados e as possíveis mudanças de rumo que a reunião poderia tomar, também foi planejada de forma detalhada. Foram levantadas hipóteses de as partes se acusarem mutuamente, e o que deveria ser feito para contornar a situação. Entretanto, a reunião se deu de forma satisfatória e culminou com o ponto-chave do objetivo a ser alcançado: a assinatura de um Acordo de Paz entre as duas comunidades.

Esse Acordo de Paz estabelecia metas simples para os dois comitês comunitários, determinando que se cessassem as con-

tendas e provocações dos dois lados e que se buscasse criar um Comitê comunitário conjunto, sendo todo o processo supervisionado pelo Grupamento Operativo, na figura de seu oficial de Assuntos Cívicos. O Grupamento Operativo conseguiu, ainda, promover a ligação do Comitê junto às instituições públicas haitianas. Um dos termos previa facilitar essa ligação por intermédio da Minustah, que iria junto do Comitê endossar as necessidades das comunidades com as instituições haitianas e o Componente Civil da própria Missão de Paz. As duas instituições haitianas mais expressivas que endossaram o Acordo de Paz foram a Prefeitura de Delmas e a Polícia Nacional Haitiana (PNH). A Prefeitura de Delmas comprometeu-se em focar em atividades futuras de cunho social no local, e a PNH implementaria a segurança (figura 11).

CONSOLIDAÇÃO DO ACORDO E MANUTENÇÃO DA PAZ NA REGIÃO: UM NOVO DESAFIO

A quinta fase do emprego combinado de ações táticas e Cimic para construção local da paz consiste na consolidação da mesma. Assim sendo, por meio da influência dos líderes comunitários e assistida pela seção



Figuras 7 e 8: Assinatura do Acordo de Paz entre Simon e Pelé



Figura 9: Assinatura do Acordo de Paz entre Simon e Pelé

de Inteligência, a seção de Assuntos Cíveis conseguia “prever” as possíveis disputas e contendas, desde impasses graves a provocações banais. Os esforços foram direcionados para estreitar a ligação das comunidades com os atores cíveis e policiais. No âmbito operacional, decidiu-se pela manutenção dos postos de controle (*static points*) entre as comunidades, para dar visibilidade à tropa (sensação de segurança) e para possibilitar maior consciência sobre a situação do terreno (vigilância) até que o processo de manutenção de paz fosse consolidado.



Figura 10: Reunião com o Componente Civil



Figura 11: Reunião com a Prefeitura de Delmas

Para aproximar ainda mais esses atores e promover o comprometimento das partes, planejou-se uma atividade esportiva que envolvesse as duas comunidades. Seria realizada uma corrida na área de exclusão, conhecida como “Faixa de Gaza”. Além disso, para potencializar o alcance da ação, seriam realizadas, de forma concomitante, atividades de entretenimento para crianças e adultos, com trans-

missões de mensagens para a redução da violência e de manutenção do processo de paz. Os propósitos do evento eram: mostrar à população (e também à Minustah) que o processo de paz era consistente e envolver instituições cíveis e policiais na organização do mesmo. Mediante essa proposta clara, instituições como a PNH, a Polícia da ONU (Unpol), o Escritório Regional de Assuntos Cíveis (Civil Affairs), o setor de Comunicação Social do Componente Militar (Military Public Information Office), o setor de Comunicação Social do Componente

QUADRO 1 – REGISTRO DE OCORRÊNCIAS ENTRE 15NOV2014 E 3JUN2015

Ocorrências registradas	Antes do Acordo de Paz (15NOV2014 a 15MAR2015)	Após assinatura do Acordo de Paz em 16MAR2015 (16MAR a 3JUN2015)
Mortes	6	0
Agressões contra as tropas	22	0
Disparos de arma de fogo	334	0

Civil (Civil Public Information Office), a Comissão para Redução da Violência (Community Violence Reduction) e a Prefeitura da Comuna de Delmas mostraram ser as maiores parceiras da iniciativa. Por meio disso também consolidar-se-ia o alcance da paz na região perante a opinião pública, fator essencial para o sucesso das batalhas do século XXI.

CONCLUSÕES

O processo de dissolução de um conflito por meio da Cimic foi caracterizado por cinco fases, que não são estanques e muitas vezes ocorrem de maneira simultânea. Essas fases são: criação e consolidação do papel de uma liderança local; estabelecimento de um canal de comunicação eficaz e único com as comunidades por meio de suas lideranças; consolidação do papel das forças militares como intermediadoras do conflito e não inimigas; solução do conflito; e manutenção da paz. A “demanda operacional”, ou seja, o conjunto

que abrange terreno, fator psicossocial comunitário e das tropas envolvidas e a opinião pública vão determinar como serão desenvolvidas as fases. A aceitabilidade dos fatores pode levar ao avanço de algumas fases, mas na última fase deve haver uma permanente revisão do processo, de modo a voltar às fases anteriores, se necessário.

Cabe ressaltar que o papel de destaque da liderança local deve estar sempre em pauta, pois o mesmo é fundamental para mediar novos conflitos. Porém, na fase de *downsizing* da missão (redução dos componentes Militar, Policial e Civil), deve-se conduzir as ações para que o processo de



Figura 12: Diagramação do Gerenciamento, Solução e Prevenção de conflitos em Operações de Manutenção da Paz

manutenção de paz seja autossustentável, utilizando-se ONGs, órgãos civis da Minustah e instituições governamentais locais como elementos de enlace entre as comunidades previamente discordantes. Isso pode ser feito por meio de projetos sociais conjuntos e ajudas humanitárias, em que o Componente Militar saia da influência di-

reta para um papel secundário, na tentativa de desvincular a “imagem do uniforme” em contato direto com a população local. Nesse processo, os elementos de Assuntos Civis devem manter supervisão e controle, até a natural desvinculação do Componente Militar e assunção do controle da área pelas instituições governamentais locais.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<RELAÇÕES INTERNACIONAIS>; Missão de Paz; Haiti;

REFERÊNCIAS

- DUNANT, Henry. *Lembranças de Solferino*. Genebra: CICV, 1986.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da Republica Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.
- HARDING, Major Ethan H. *The Next Time: Preparing now for better utilization of civil affairs to master the cycle of counterinsurgency operations*. Fort Knox, KY, USMC, 2008.
- ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE. AJP-9: NATO Civil Military Cooperation Doctrine. . NATO, 2003. Disponível em: <<http://www.nato.int/ims/docu/ajp-9.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2015.
- KLOKER, Johanna. *Civil Military Relations in Afghanistan: Dutch Provincial Reconstructions Teams in Baghlan and Uruzgan in Cooperation with Non Governmental Organizations and local actors*. Master thesis, 2009. Disponível em: <<http://dare.uva.nl/cgi/arno/show.cgi?fid=157452>>. Acesso em 19 abr. 2015.
- Ocha Guidelines for Civil Military Coordination in Haiti: Guidelines for the engagement and coordination of humanitarian actors and military and police actors in Haiti. HAITI, . 2013.
- NAÇÕES UNIDAS. United Nation Civil-Military Coordination (UN-Cimic). UN, 2012. Department of Peacekeeping Operations/Department of Field Services . Disponível em:< http://cdn.peaceops-training.org/course_promos/civil_military_coordination/civil_military_coordination_english.pdf>. Acesso em 19 abr. 2015.